

A CELA INTERIOR DE SANTA CATARINA DE SENA

**Textos compilados por
Dom Carlo Tomasi em 1668**

I

Descrição da cela do Bem-aventurado Raimundo de Cápua, do capítulo 7 do primeiro Livro da Vida que escreveu sobre a Santa.

O Senhor inspirou a santa a fabricar uma cela secreta e interior em sua mente onde, toda recolhida continuamente como em um conclave secreto, se deleitasse com o seu esposo Jesus.

Porque bem entendia o que Ele disse no Evangelho: "*O Reino de Deus está dentro de vós*". O Reino de Deus está, (se quisermos), no nosso coração, o qual é o seu verdadeiro Templo: onde deleita-se morar, não feito por mãos humanas, mas fabricado na oficina do Espírito Santo, que é o conhecimento de Deus, e de si mesmo, com a cal viva, que é a caridade divina, com pedras duras e brancos mármore, que são os santos desejos, com martelos da oração freqüente e meditação, e com áspera paciência, e fechado por todos os lados, com a firmíssima chave do temor de Deus.

Esta era a nova cela de Catarina, verdadeiramente feliz, onde se dignava habitar especialmente o seu graciosíssimo esposo. E por isso todos os golpes, todos os combates de palavras e de fatos que recebia, pareciam que não a tocavam, porque ela se fechava nesta cela onde, em altíssimas alegrias, deliciosamente se deliciava com o seu doce esposo diletíssimo Jesus, pensando continuamente que sinal de grande eleição é quando Deus coloca sobre as nossas costas a cruz e o caminho da tribulação.

E, portanto, bem ensinada pelo verdadeiro Mestre, e tornada ela própria mestra, estando eu certa vez em excessivas ocupações exteriores, Catarina me dizia: "*Faze tu mesmo a cela na mente, e não queiras dela sair nunca*".

Eu confesso que no início não podia penetrar a força destas palavras, como também acontecia aos discípulos de Cristo, dos quais no Evangelho está escrito diversas vezes que não podiam entender, nem compreender, desde o princípio, as misteriosas palavras do Salvador, que eram estranhas à sua inteligência, porque ainda não se haviam tornado espirituais, e por isso foi

dito a Pedro que não saboreava os conselhos altíssimos de Deus.

Assim também aconteceu comigo sobre os muitos preceitos eficazes desta santa, e de modo especial desta fabricação da cela, e de nunca sair dela.

Mas certamente entendi depois quão importante era esta cela mental, sem a qual não tem valor a cela dos muros, enquanto que esta vale muito sem a outra.

E então entendi quão pouco lucro teve o demônio quando instigou os parentes de Catarina a tirarem-lhe o uso da cela terrena. Ao contrário, quanto dano e perda ele teve, pois, assim fazendo, permitiu-lhe tanto uso da cela celeste.

II

Descrição da cela, por parte do Padre F. Ferdinando de Castilho, segundo sua História de São Domingos, Parte 2, Livro 2, capítulos 3 e 4.

Os parentes tiraram à virgem o lugar e o tempo que costumava ter para a sua oração, e a ocuparam em todos os afazeres mais baixos e vis da casa. O mais honroso foi tê-la colocado na cozinha, onde a toda hora era gritada, desonrada e martirizada com expressões e palavras horríveis, todas ditas com o propósito de cansá-la e triturá-la até que, aflita e esgotada, se rendesse ao que queriam.

Mas isto era como golpear uma rocha com agulhas e alfinetes.

A tudo se mostrava surda, às injúrias muda, e aos desprezos sereníssima e, diante de toda a cólera de seu pai e de sua mãe, uma ovelha, e frente a um casamento que lhe ofereceram, como se fosse de pedra.

Em tudo se comportava bem, com a fortaleza que o Espírito Santo lhe dava, e a todas estas tormentas correspondiam novas determinações no seu primeiro voto.

E o Senhor, que como diz São Paulo, guarda tantas leis com os seus servos, que não consente que sejam tentados mais do que o que podem e, ao contrário, com as tentações e as adversidades opera que neles cresça o fruto copioso da vitória, da fortaleza, da prudência e de tantas virtudes, concedeu então novas graças a esta virgem.

E como supremo artífice da santidade a inspirou, já que seu pai e sua mãe lhe retiraram o quarto onde se recolhia, que trabalhasse dentro de sua alma um outro cômodo interior e secreto, onde pudesse recolher-se continuamente e pudesse tratar intimamente com seu esposo Jesus, mais fechada e guardada que sob chaves e muros.

Ela sabia bem o que o Senhor diz no Evangelho: "*O Reino de Deus está dentro de vós*", e disto ela pensava, e não erroneamente, que se tratasse de nosso coração, o qual é seu verdadeiro Templo, e coisa feita para a sua morada, não por mãos humanas, mas pelo Espírito Santo.

Ele não é pedra, nem cal, nem pregos, nem madeira, nem muitos cômodos trabalhados por vaidade e cerimônia.

Toda a construção é fundamentada no conhecimento de Deus e de nossa pequenez e baixeza. E tudo aquilo que ali se utiliza é amá-Lo, considerá-Lo, e com solicitude e freqüentes orações e suspiros, invocá-Lo e chamá-Lo, fechando todas as portas e as potências da alma com as chaves do amor divino.

E esta foi a nova cela, que Catarina encontrou na casa de seu pai, onde permanecia tão contente, que nenhuma coisa do que estava aqui fora a tocava, nem pensava que falassem com ela, tão verdadeiramente estava ocupada consigo mesma e com Deus.

E assim se tornou uma mestra tão grande que a todas as horas e em todas as ocasiões costumava ensinar e dizer que o remédio de nossos males consistia em fugir deles e bater com a porta sobre os olhos deles, fechando-se cada um em seu quarto e cela interior da mente, sem a qual nenhum cômodo de nenhuma fortaleza, ou nenhum muro de nenhum mosteiro em tempo algum podiam valer alguma coisa para defender-nos do mal e manter-nos em tranqüilidade, e somente este edifício e cela, ainda que esteja o homem no meio do mundo, basta para mantê-lo recolhido e guardado.

Conhecimento de Deus e conhecimento de mim mesmo, conversação com Deus e conversação comigo mesmo. Olhos voltados para a Sua grandeza, e estes mesmos olhos para as minhas baixeza. Fugir de mim mesmo para entregar-me, tudo isto se faz nesta cela, sem deixar tempo nem lugar para outra coisa.

III

**Discurso da cela. Três cartas de Santa Catarina.
Nas duas primeiras trata-se da mesma,
na terceira sobre o modo de possuí-la.**

Para a mãe Joana de Conrado.

Caríssima mãe em Cristo, doce Jesus. Eu, Catarina, serva e escrava dos servos de Jesus Cristo, escrevo a vós em seu precioso sangue, com o desejo de vê-la fazer uma morada na cela do conhecimento de vós mesmas, para que possais chegar ao perfeito amor, considerando eu que aquele que não ama o seu Criador, não pode agradar-lhe, porque Ele mesmo é amor, e não quer outra coisa que amor.

A alma que conhece a si mesma encontra este amor, porque vendo-se não ser, mas ter o seu ser por graça, e não por dívida, e que cada graça que se fundamenta sobre o ser foi-nos dada com inestimável amor, encontra em si tanta bondade derramada por Deus, que a língua não é suficiente para dizê-lo. E como se vê tão amada por Deus, não pode fazer com que não ame. Ama em si a razão e Deus, e odeia a sensualidade, que desordenadamente quer deleitar-se com o mundo, onde se deleita a si mesmo com o estado, com a riqueza, ou com o prazer das criaturas mais do que ao Criador, com base nos seus pareceres, gostos, prazeres do mundo ou alguma vontade.

Estes são aqueles que amam os filhos, alguns a esposa, outros a mãe ou o pai, desordenadamente, com amor muito sensorial, o qual amor é um obstáculo entre Deus e a alma que não permite conhecer bem a verdade do verdadeiro e supremo amor. E é por isso que diz a primeira e doce verdade que quem não abandona o pai e a mãe, as irmãs, os irmãos e a si mesmo, não é digno de mim. Bem o entendiam e o entendem os verdadeiros servos de Deus, que logo esvaziam seus corações, o afeto e as suas almas do mundo, de suas pompas e de suas delícias, e de cada criatura fora de Deus.

Não que eles não amem a criatura, mas a amam somente por Deus, por serem criaturas desmedidamente amadas pelo Criador. E como eles odeiam a parte sensorial, que neles se rebela contra Deus, assim também a odeiam no próximo, ao verem que ofende a suma e eterna bondade.

Desejo que vós sejais assim, caríssima mãe em Cristo, doce Jesus. Que vós ameis a bondade de Deus em vós mesmas e a sua desmedida caridade, a qual encontrareis na cela do conhecimento de vós mesmas. Nesta cela

encontrareis Deus, porque assim como Deus tem em si cada coisa que participa o ser, assim também em vós encontrareis a memória que possui e é capaz de reter o tesouro dos benefícios de Deus. Em seguida encontrareis o intelecto, que vos permite participar da sabedoria do Filho de Deus, compreendendo e conhecendo a sua vontade, que não quer outra coisa que a nossa santificação. Vendo isto, a alma não se pode doer nem conturbar de nenhuma coisa que aconteça, sabendo que cada coisa é feita por Deus com prudência e com grandíssimo amor.

Com este conhecimento, portanto, quero e vos rogo que, pela honra do Cordeiro imolado, modereis a Larcaro e a melancolia que sentis pela partida de Estevão. Alegrai-vos e exultai, o que não acontecerá sem o crescimento da graça na vossa alma e na nossa, pela graça de Deus.

Digo também que no conhecimento de vós mesmas encontrareis a doce clemência do Espírito Santo, que é quem não doa nada mais do que amor, e o que Ele faz e opera, opera por amor. Encontrareis este afeto na vossa alma, porque a vontade não é outra coisa que amor, e cada afeto e movimento seu não se move por outra coisa senão por amor. Ama e odeia aquilo que o olho do conhecimento fizeram e viram.

É bem verdade, caríssima mãe, que dentro da cela da alma vós encontrareis todo Deus, o qual dá tanta doçura, refrigério e consolação, que por nenhuma coisa que aconteça nos possamos perturbar, porque nos tornaremos capazes da vontade de Deus se tivermos eliminado de nós mesmas todo amor próprio e todas aquelas coisas que estão fora da vontade de Deus.

Verdadeiramente a alma se torna então um jardim de flores perfumosas, e em seu centro encontra-se plantada a árvore da santíssima Cruz, onde repousa o Cordeiro imaculado, o qual irriga sangue, banha e inunda este doce e glosioso jardim, e possui em si os frutos maduros das verdadeiras e reais virtudes.

Se quiserdes paciência, aqui está a sólida mansidão, pois não se ouve o grito do Cordeiro em nenhuma murmuração. Que humildade profunda, ver Deus humilhado ao homem, o Verbo humilhado à ignominiosa morte de Cruz! Se quiserdes a caridade, Ele é esta caridade, ainda maior que a força do amor, e pela caridade foi vencido e pregado à Cruz. Não eram suficientes os pregos e a cruz para segurar ao Deus-homem, se a força da caridade não o tivesse segurado. Não me admira, se a alma fêz de si um jardim do conhecimento de si, que ela seja forte contra todo o mundo, porque ela é confirmada e feita uma só coisa com a suma fortaleza. Verdadeiramente ela começa a gozar do penhor da vida eterna nesta vida, e senhoreia o mundo porque o despreza. Os demônios temem aproximar-se da alma que arde na

divina caridade.

Portanto, caríssima mãe, não quero mais que durmais na negligência, nem no amor sensorial, mas com um ardentíssimo e desmedido amor vos eleveis para o alto, banhando-vos no sangue do Cristo, e escondendo-vos nas chagas do Cristo crucificado.

Não digo mais, pois estou certa que permanecereis na cela como eu vos disse, onde não encontrareis outra coisa que não a Cristo crucificado. E assim disse a Conrado que faça o mesmo, permanecendo no santo e doce amor de Deus.

IV

Para Frei Nicolau de Ghida, da Ordem do Monte das Oliveiras.

Caríssimo filho em Cristo, doce Jesus. Eu, Catarina, serva e escrava dos servos de Jesus Cristo, escrevo a vós, no seu precioso sangue, com o desejo de ver-vos morador da cela do conhecimento de vós e da bondade de Deus em vós.

Esta cela é uma habitação que o homem carrega consigo, onde quer que ele vá. Nesta cela adquirem-se as virtudes reais e verdadeiras, e especialmente a virtude da humildade e da ardentíssima caridade, porque no conhecimento de nós mesmos a alma se humilha, conhecendo a sua imperfeição e o seu não ser, mas vê o seu ser recebido de Deus.

Depois disso, tendo conhecido a bondade de seu Criador em si, retribui a Ele o ser e cada graça que é colocada sobre o ser. Assim, adquire a perfeita caridade, amando a Deus com todo o seu coração, com todo o afeto e com toda a sua alma.

E como ela ama assim, concebe um ódio para com a própria sensualidade e alegra-se que Deus puna, como quiser, a própria iniquidade. Ela se torna imediatamente paciente em toda tribulação que tenha, dentro ou fora de si. De onde que se ela as tem interiormente por diversas cogitações, as carrega voluntariamente, considerando-se indigna da paz e da tranqüilidade da mente que possuíam os demais servos de Deus, e se considera digna da pena e indigna do fruto que se segue à pena.

De onde isto procede? Do santo conhecimento de si. Aquele que se conhece, conhece Deus e a bondade de Deus em si, e por isso se recolhe nAquele que ama. Esta alma se alegra de trazer sem culpa cada pena por Cristo, e não se preocupa com as perseguições do mundo, nem com as detrações dos homens, mas o seu desejo é de carregar os defeitos do seu próximo e procurar suportar verdadeiramente as fadigas da Ordem, preferindo antes morrer do que subtrair-se ao jugo da obediência. De onde que é súdito sempre, não apenas ao prelado, mas ao mínimo que seja, porque não presume de si mesmo, reputando-se alguma coisa. Por isto ele se torna verdadeiramente súdito de cada pessoa por Cristo crucificado, não com a intenção de agradar ou de não pecar, mas com humildade, por amor da virtude.

E foge da conversação do século, e dos seculares, assim como da lembrança dos parentes, não tanto para não ter conversação com eles, mas como de serpentes venenosas. Torna-se amante da cela, agrada-se de salmodiar com humilde e contínua oração, e faz desta cela um céu. Mais quererá permanecer na cela, com penas e muitas batalhas de demônios, do que fora da cela, com paz e quietude.

De onde obteve este conhecimento e este desejo? Obteve-o na cela do conhecimento de si, porque se antes não tivesse tido esta habitação da cela mental, não teria o desejo, nem amaria, a cela atual. Mas porque viu e conheceu em si quanto era perigoso discorrer e ficar fora da cela, por isso a ama.

E verdadeiramente o monge fora da cela morre, assim como o peixe fora da água. Quanto é perigoso o monge vagar a esmo! Quantas colunas vimos cair por terra pelas distrações ou pela permanência fora de sua cela além do tempo devido e ordenado! Quando o tivesse mandado a obediência ou uma estrita e expressa caridade, isto não causaria dano à alma. Mas não é o que ocorre quando é feito por uma leviandade do coração ou por uma simples caridade, em que o demônio ilude o ignorante para fazê-lo sair fora da cela. A alma não vê que a caridade deve mover-se primeiro por si, isto é, que por nenhuma utilidade que possa fazer ao seu próximo deve fazer a si o mal da culpa ou coisa que lhe impeça a sua perfeição.

Por que motivo estar fora da cela atual é tão nocivo? Porque antes que tivesse saído da cela atual, terá saído da cela mental, do conhecimento de si, porque se a alma não tivesse saído, teria conhecido a sua fragilidade, por cuja fragilidade não teria sido o caso de sair para fora, mas permanecer dentro.

Sabeis que fruto consegue por sair fora? Fruto de morte, porque a mente se esvai ao tomar a conversação dos homens e abandonar a dos anjos. A mente se esvazia de tantos pensamentos de Deus e se enche do gosto das criaturas com muitos variados e maldosos pensamentos. Diminui a solicitude e a devoção do ofício e esfria o desejo da alma. Em seguida abre as portas de seus sentimentos, isto é, abre os olhos para ver o que não deveria, e os ouvidos para ouvir aquilo que está fora da vontade de Deus e da salvação do próximo. A língua passa a falar palavras ociosas e a esquecer de falar de Deus. De onde causa dano a si e ao próximo, tirando-lhe a oração, porque no tempo em que deveria orar por ele, vai discorrendo e retirando a edificação. A língua não seria suficiente para narrar quantos males daí resultam e a alma, se não tiver cuidado, não perceberá que pouco a pouco esgorregará tanto que se afastará do redil da santa religião.

Aquele que conhece a si mesmo vê este perigo e por isso foge para a cela e ali refaz a sua mente, abraçando-se com a cruz e com a companhia dos

santos doutores, os quais falam da grandeza da bondade divina e da vileza da alma, embriagados com a luz sobrenatural, enamorando-nos da virtude e alimentando-nos da honra de Deus e da salvação das almas sobre a mesa da Cruz santíssima, sustentando suas penas com verdadeira perseverança até a morte. Desta companhia se regozija o verdadeiro monge.

Quando a obediência o enviasse para fora, isto lhe pareceria duro, mas estando fora, permaneceria dentro por um santo e verdadeiro desejo, alimentando-se nesta cela do sangue de Cristo e unindo-se ao supremo e eterno bem por afeto de amor. Não foge nem recusa fadigas, mas como verdadeiro cavaleiro permanece na cela no campo de batalha, defendendo-se dos inimigos com a espada do ódio e do amor, e com o escudo da santíssima fé, sem voltar nunca a cabeça para trás, perseverando com a esperança e a luz da fé, até que, pela perseverança, alcance a coroa da glória.

Este monge alcança a riqueza da virtude, mas estas mercadorias não as adquire nem as compra em outro lugar que não no conhecimento de si e da bondade de Deus em si. Por este conhecimento torna-se habitante da cela mental e atual, porque de outra maneira nunca as teria adquirido.

De onde que, considerando eu que não há outro modo, disse que desejava de ver-vos morador do conhecimento de vós mesmos e da bondade de Deus em vós.

Mas sabeis que fora da cela não as adquirireis jamais.

E por isso quero que vós regresseis rigorosamente a vós mesmos, permanecendo na cela, e que estar fora da cela se vos torne tedioso além daquilo que exija a obediência e a extrema necessidade.

Que dirigir-se à terra vos pareça ir ao fogo, e a conversação dos seculares vos pareça um veneno. Fugi de vós mesmos e não queirais ser cruel para com a vossa alma.

Filho caríssimo, não quero que durmais mais, mas despertemos pelo conhecimento de nós mesmos, onde encontraremos o sangue do Cordeiro imolado e imaculado.

Mais não vos digo. Permeenecei no santo e doce amor de Deus. Recomendai-me ao prior e a todos os demais.

V

Ao Frei Francisco Tebaldi de Florença, na ilha de Gorgona, monge cartuxo.

Caríssimo e dulcíssimo filho em Cristo, doce Jesus. Eu, Catarina, serva e escrava dos servos de Jesus Cristo, escrevo a vós no seu precioso sangue, com desejo de ver-vos habitar na casa do conhecimento de vós, para adquirirdes cada virtude. Sem isto vivereis em todo mal, e sem nenhuma razão.

Mas, podereis dizer-me, de que modo poderia eu entrar? E como poderia conservar-me dentro?

Respondo.

Vós sabeis que sem a luz em nenhum lugar poderíamos ir, se não em trevas, pelas quais seríamos prejudicados e nas quais não poderíamos conhecer as nossas necessidades do que seria necessário para a vida.

Ora, nós somos todos viajantes e peregrinos, colocados na estrada da doutrina de Cristo crucificado. Há quem caminhe com os mandamentos da caridade comum, e há quem caminhe com os conselhos da caridade perfeita, não descuidando, porém, dos mandamentos. Por estes caminhos ninguém pode andar sem luz perfeita senão tendo a luz: não poderia ver o lugar onde conviria repousar, aquele lugar em que o homem pode discernir quem o quer destruir e quem o quer ajudar.

Este lugar é a casa do conhecimento de si, casa na qual a alma vê com a luz da santíssima fé que ela está na estrada da doutrina do Cristo crucificado. Isto é, aquele que o deseja seguir, logo entra em si mesmo e nesta casa encontra o seu principal inimigo que o quer destruir, isto é, a própria sensualidade, coberta com o manto do amor próprio, um inimigo que tem dois companheiros principais, com muitos outros vassalos em volta.

O primeiro companheiro da sensualidade é o mundo com as suas vaidades e as suas delícias, o qual se faz amigo do apetite sensorial que deseja desordenadamente.

O outro companheiro é o demônio, com seus enganos, com seus falsos e diversos pensamentos e ilusões, aos quais a vontade sensorial se inclina e, pelo modo como o demônio nos oferece tais pensamentos e ilusões, nos quais também voluntariamente se deleita.

Estes inimigos principais tem muitos servidores, todos os quais querem destruir a alma, se esta, através da luz, não se decide a colocar remédio. E por isso a razão traz a luz da santíssima fé, entra em casa e domina a própria sensualidade, porque viu que esta não busca nem quer outra coisa senão a sua morte, tendo para isto a companhia de seus inimigos. Tudo isto a alma conheceu pela luz. Por isto levanta-se com ímpeto, toma a espada do ódio contra esta sensualidade e do amor das verdadeiras e reais virtudes, e com esta espada mata a sensualidade.

Morta a sensualidade, todas os demais inimigos são derrotados, e nenhum poderá destruir a luz, se a alma não o quiser.

Com esta luz o homem vê quem é aquele que o ajudou e amparou, e que verdadeiramente o salvou da morte, trazendo-o à bem aventurada vida. O homem vê que foi o fogo da divina caridade, porque Deus por amor deu a virtude e a potência à alma, a qual com a força do intelecto e da razão subiu sobre a cadeira da consciência de onde, com a sabedoria do Sapiientíssimo Verbo de que lhe foi permitido participar, deu a sentença de morte à sensualidade. Com a espada da vontade, que participa da clemência do Espírito Santo e da doce vontade de Deus, a sensualidade foi morta pela mão do livre arbítrio.

Vendo a alma, portanto, que Deus é o seu remédio, o seu sustento e o seu auxílio, cresce naquela casa do conhecimento de si, na luz da verdade e em um fogo inestimável e incompreensível que arde e consome aquilo que se encontra nesta casa contra a razão, consumindo na fornalha da caridade de Deus e do próximo a água do amor próprio espiritual e temporal, pois que nenhuma coisa mais busca o afeto da alma que não Cristo crucificado, querendo-o seguir pela via do sofrimento ao modo de Deus, e não ao seu modo, deixando-se guiar pela doce vontade de Deus.

Assim os inimigos não podem mais destruí-lo. Mas a estes é dada licença, pelo justo Senhor, que batam à porta, o que é permitido para que sejamos solícitos na guarda e para não dormir no leito da negligência, vigiando prudentemente.

E também Sua Divina Majestade o permite para provar se aquela casa é forte ou não, para que, não encontrando-se forte, tenha matéria para mortificar-se e para que, através da luz, possa ver quem a faz forte e perseverante. E para que, depois de assim o ver, possa, com grande solicitude, estreitá-la a si.

Qual é a coisa que nos torna fortes e perseverantes? É a oração humilde e contínua, feita na casa do conhecimento de si e da bondade de Deus em si.

Por isso, fazendo-a fora desta casa, a alma teria pouco fruto.

Esta oração tem por fundamento a humildade, a qual se adquire na casa já mencionada, e deve vestir-se do fogo da divina caridade, a qual se encontra no conhecimento que temos de Deus quando, com a luz, a alma vê ser amada inestimavelmente por Ele. Deste amor ela prova e é certificada na primeira criação, vendo-se criada por amor à imagem e à semelhança de Deus; e na segunda criação, vendo-se recriada na graça do sangue do Cordeiro imaculado.

Estas são as duas graças principais que contém em si todas as demais graças espirituais ou temporais, particulares e gerais.

E assim, com esta luz, revestindo-se a alma do fogo da divina caridade, seguem-se as lágrimas, porque o olho, quando sente a dor do coração, quer satisfazê-lo e por isso geme e chora como a madeira verde que é posta ao fogo, a qual expele água pelo grande calor. Assim também, quando a alma sente o fogo da divina caridade e que o seu desejo e afeto estão neste fogo, o olho chora, mostrando externamente aquela partícula que lhe é possível mostrar do que está dentro. Isto procede de diversos sentimentos interiores, segundo são trazidos pelo afeto da alma, como vós sabeis estar descrito no Tratado das Lágrimas. Por isso não me detenho mais sobre este assunto.

Quero, todavia, falar-vos brevemente sobre a oração.

Brevemente falando, dizemos que a mente possui três modos pelos quais pode orar.

O primeiro é chamado de oração contínua, à qual toda criatura dotada de razão é obrigada. Esta é fruto do verdadeiro desejo fundamentado na caridade de Deus e do próximo, que faz pela honra de Deus todas as operações em si e no seu próximo. Este desejo sempre ora, isto é, o afeto ora continuamente diante de seu Criador, em todo lugar e em todo tempo que o homem encontra.

Que fruto o monge recebe disto? Recebe uma serena tranqüilidade de dentro da alma, de uma vontade acordada e submetida à razão, de modo a não escandalizar-se com nenhuma coisa. Não lhe é pesado trazer o jugo da verdadeira obediência, quando lhe são colocados pesos e exercícios manuais, ou quando lhe é ordenado servir ao seu irmão, segundo os casos e os tempos que ocorrem. O monge não se entristece, nem se lhe aflige a mente por estas coisas, não se deixando enganar pelo desejo da alma que apetece a cela, a sua consolação e a sua paz. Tampouco se deixa enganar com um sofrimento melancólico e aflitivo quando quer orar atualmente mas lhe convém fazer diversamente; em vez disso, aflora nele o odor da verdadeira humildade e o

fogo da caridade do próximo. A esta oração nos convida o Apóstolo São Paulo quando diz que devemos orar sem interrupção, e quem não possui esta oração não pode ter nenhuma que lhe dê vida. Quem deixasse esta para ter a sua paz, perderia a paz.

Eis uma outra oração que se chama vocal, quando vocalmente o homem recita o ofício divino ou outras orações. A oração vocal é ordenada para que alcancemos a oração mental. E este é o fruto que o homem recebe, se esta for fundamentada na primeira, e se persevera nela com exercícios, esforçando sempre a mente a pensar, a colocar e a receber em si mais o afeto da caridade de Deus do que o som das palavras, advertindo com prudência que, quando sentir-se afervorado em sua mente, ponha fim às palavras, exceto no ofício divino, se ele é obrigado a recitá-lo.

Porque no momento em que se observam tais coisas isto é sinal que alcançamos a terceira, isto é, a oração mental, a qual se realiza levantando a mente e o seu desejo acima de si, a uma consideração do afeto da caridade de Deus e de si mesmo, em que conhece a doutrina da verdade, saboreando o leite da divina doçura, leite que brota do seio da caridade por meio de Cristo padecente, isto é, não se deleitando o homem em nenhuma outra coisa senão na cruz com Ele. Daqui nasce e se recebe o fruto do estado unitivo, onde a alma alcança tanta união que ela não vê mais a si por si, mas por Deus, e o próximo por Deus, e Deus pela sua infinita bondade, vendo ser digno de ser amado e servido por nós, e O ama sem modo. A alma corre inflamada, morta a toda vontade perversa, deleitando-se em estar no cubículo de seu esposo, onde Deus se lhe manifesta a si mesmo, e onde vê diversas moradas que estão na casa do Rei Eterno. A alma, porém, goza de um modo diverso do que observa nas criaturas, julgando em cada coisa a vontade de Deus e não a vontade dos homens. Ela é assim libertada do falso julgamento, pelo que não julga nem se escandaliza nas operações de Deus nem nas de seu próximo. Deus vos faça provar por sua infinita misericórdia o amor e a vida eterna que saboreia esta alma, porque nem com a língua nem com a tinta eu o quereria ou poderia descrever.

Por conseguinte, se entendestes o que é que nos faz perseverar na casa do conhecimento de nós mesmos, e quem é que vos conduz, e onde o encontramos, e qual é a luz que nos guia na doutrina de Cristo crucificado, e qual é a oração que nos tranca e nos conserva dentro, isto é a verdade.

Quero ainda, caríssimo e dulcíssimo filho, para que possas cumprir o voto da santa obediência ao qual recentemente fostes admitido, que sempre estejais na casa do conhecimento de vós mesmos, porque de outro modo não o podereis observar.

E foi por isso que disse que eu desejava ver-vos nesta casa do

conhecimento. Esta casa em que os vossos inimigos foram expulsos, e onde foi morto o principal inimigo da vontade sensorial, esta casa que se enche e se adorna com o ornamento das virtudes. A isto quero que vos apliqueis a estudar, porque não seria suficiente que a casa estivesse vazia e não se enchesse. Quero que vós sempre insistais em estar neste conhecimento de vós, isto é, conhecer em vós o fogo e a bondade grandíssima da caridade do benfeitor e nosso Senhor Deus.

Esta é aquela cela que quero que, seja na ilha como em qualquer outro lugar, leveis convosco, em tudo o que tiverdes que fazer, e não a abandoneis jamais, no coro, no refeitório, na congregação e em tudo o que tiverdes que fazer vos estreiteis nela.

Quero também que na oração atual sempre se dirija o vosso intelecto à consideração do afeto da caridade de Deus, mais do que no dom que vos parecesse receber dEle, para que o amor seja puro e não mercenário.

E quero que a cela atual seja visitada por vós, o quanto vos permita a obediência, e que mais vos deleite estar na cela com guerra que fora dela na paz, porque o demônio usa esta arte com os solitários para conduzi-los ao tédio na cela, dando-lhes mais trevas, batalhas e moléstias por dentro do que por fora, para que se aproximem da cela com terror, como se ela fosse a ocasião dos seus pensamentos. Não quero, portanto, que volteis a cabeça para trás por isso, mas que sejais constante e perseverante, não estando nunca ocioso, mas exercitando o tempo com a oração, com a santa lição ou com o exercício manual, estando sempre a memória repleta de Deus, para que a alma não seja tomada pelo ócio.

Quero ainda que em cada coisa julgueis a vontade de Deus, como disse acima, para que nem o desgosto, nem a murmuração, vos coloquem contra vossos irmãos.

Assim também não quero menos que a pronta obediência brilhe totalmente em vós. Não em parte, nem pela metade, mas completamente, de tal modo que em coisa alguma recalcitreis à vontade da Ordem nem de vosso prelado, tornando-vos espelho da observância e dos costumes da Ordem, estudando como observá-los até a morte, desprezando e tendo por vil a vós mesmos, matando a própria vontade e mortificando o corpo com aquela mortificação que estabelecida pela Ordem.

Semelhantemente, quero que caritativamente vos esforceis por suportar com paciência os costumes perversos e as palavras malévolas e ultrajantes, as quais às vezes, ou por ilusão do demônio, ou pela própria fragilidade, ou ainda se fossem verdadeiras, vos parecessem intoleráveis. Deste modo guardareis as palavras de Cristo que diz que o Reino dos Céus é daqueles que

fazem força a si mesmo com violência.

Quanto à memória, quero que se encha com o sangue de Cristo crucificado, com os benefícios de Deus, e da lembrança da morte, para que cresçais no amor em tanto temor e fome do tempo, olhando a tudo isto com os olhos do intelecto, com a luz da santíssima fé, para que a vontade corra prontamente, sem nenhum laço de amor desordenado que poderíeis ter com qualquer coisa que não seja Deus.

Além disso quero que quando o demônio invisível, ou visível, ou a frágil carne, oferecessem batalha ou rebelião ao espírito acerca de qualquer coisa, vós o manifesteis abrindo o vosso coração ao Prior, se lhe é possível, e que lhe possas falar. E se isto não for possível, a algum outro em quem sentísseis a mente mais disposta a manifestá-lo, e que vejais que seja mais capaz de dar remédio.

Quero ainda que observeis que o movimento da ira não se estenda à língua, gritando palavras feias e desprazerosas, as quais dão escândalo e perturbação, com o que a repreensão e o ódio se voltariam contra vós mesmos.

Estas são aquelas coisas as quais Deus e a perfeição que escolhestes vos exigem e que eu, indigna e miserável mãe vossa, ocasião de mal e não de qualquer bem, desejo ver em vossa alma.

Rogo-vos, portanto, e insisto da parte de Cristo crucificado, que estudeis como oferecer-vos até a morte para que sejais a minha glória, e vós recebais a coroa da bem aventurança pela longa perseverança, a qual é a única que é coroada.

Mais não vos digo. Fazei de modo que eu não tenha que chorar, e que eu não possa reclamar de vós diante de Deus, o qual vos dê na vida presente a sua divina graça, e na outra a eterna glória.